

OS TEXTOS DE HUMOR SOB A ÉGIDE DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Lorena Santana Gonçalves¹

Resumo: Partindo de uma reflexão sobre a diversidade teórica dos Estudos Linguísticos, procura-se abordar um fenômeno puramente linguístico-social: o humor. Para isso, acredita-se na necessidade de um estudo interdisciplinar, que envolva tanto questões linguísticas, como questões socioculturais e psicológicas, uma vez que o humor surge de contextos interativos que englobam discurso, cognições e linguagem. Nesse sentido, trazem-se à baila os Estudos do Discurso Crítico, cujas pesquisas procuram entender a dominação social pelo discurso. Propõe-se, com isso, o entendimento do humor a partir de uma perspectiva crítica, mais especificamente, a perspectiva teórica de Van Dijk (2012), cuja proposta analítica está baseada no triângulo de estruturas sociais, estruturas discursivas e contexto sociocognitivo.

Palavras-chave: Humor. Estudos do discurso crítico. Sociocognição.

Abstract: From a reflection about theoretical diversity of Linguistic Studies, this work aims to discourse about a purely linguistic-social phenomenon: Humor. For this, it's posed the importance of interdisciplinary study, involving linguistic issues such as sociocultural and psychological issues, as the humor arises from interactive contexts involving speech, language and cognition. In this sense the Critical Discourse Studies appears whose research seeks to understand the social domination by the speech. It's proposed, therefore, understanding the humor from a critical perspective, more specifically the theoretical perspective of Van Dijk (2012), whose analytical proposal is based on the triangle social structures, discursive structures and sociocognitive context.

Keywords: Humor. Studies of critical discourse. Sociocognition.

*“Ludus est necessarius ad conversationem humanae
vitae”²*

(São Tomás de Aquino)

¹ Possui graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2009) e mestrado em Linguística pela mesma universidade (2012). Atualmente é doutoranda em Língua e Cultura na Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Pragmática e Linguística Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: humor, quadrinhos, construção do sentido, imagem social, referenciação e comunidades virtuais.

² “O humor é necessário para a vida humana” (Disponível em: http://jean_lauand.tripod.com/page28.html)

Preâmbulo Linguístico

Em 1995, Barbara Weedwood, em sua publicação *História concisa da linguística*³, propõe a definição da linguística a partir de três dicotomias; são elas: sincronia *versus* diacronia; microlinguística *versus* macrolinguística; Linguística teórica *versus* Linguística aplicada. Em tempos em que o mote está no termo *continuum*, ou mesmo rede – como é proposto pela Linguística Cognitiva –, definir a Linguística a partir de dicotomias tornar-se problemático, uma vez que todas essas dicotomias possuem falhas.

Uma dessas falhas já é apontada pela própria Weedwood (2002) ao apresentar sua primeira dicotomia, em que afirma que alguns estudiosos consideram impossível separar sincronia de diacronia. Essa primeira dicotomia foi emprestada dos postulados de Ferdinand de Saussure, que datam o início do século XX, para quem “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 96).

Contrariando tal colocação, Viaro (2010), um pesquisador da linha da Etimologia e da Linguística Histórica, afirma que recuperar o significado original dos conceitos, alterado pelos modelos, é um passo recomendável numa pesquisa. Afinal, se for feito um recorte sincrônico de qualquer época, de qualquer língua, tem-se a convivência sincrônica de dados formados em sincronias pretéritas. Nas palavras do autor:

Servindo-nos dos afixos do português em nossa exemplificação, sabemos que no português do século XXI estão disponíveis aos falantes alguns itens como guerreiro (já testemunhado no século XIII), lisonjeiro (séc. XV) e hospedeiro (séc. XVIII), todos convivendo na sincronia atual. Dado que de cada sincronia destacada num estudo diacrônico se depreende um sistema com características parcialmente distintas (agrupadas arbitrariamente sob o rótulo de língua portuguesa), os itens, pertencentes a esses sistemas, refletem antigas produtividades⁴. Parte do resultado delas convive no sistema atual, fazendo-nos voltar à situação heterogênea do léxico (VIARO, 2010, p. 175).

Qualquer língua muda com o passar do tempo, podendo haver mudanças fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, e, até mesmo, pragmáticas. Nesse sentido, para compreender um determinado comportamento linguístico numa dada sincronia é necessário entender como ele era no passado, para, assim, tentar compreender a sua evolução ao longo do tempo:

³ Utiliza-se, neste texto, a tradução feita por Marcos Bagno, de 2002.

⁴ Viaro (2010) define produtividade como a capacidade de se gerarem novos elementos em uma língua.

Se a língua que interessa aos sincronistas é a língua que usamos, em detrimento das formas obsoletas, nem as de conhecimento demasiadamente particular, nem as palavras que só existem em dicionário deveriam pertencer ao sistema. O sistema seria uma espécie de média baseada na frequência de uso dos falantes (VIARO, 2009, p. 4).

Na esteira desse pensamento, trazemos à baila a segunda dicotomia proposta por Weedwood (2002):

Pela visão da microlinguística, as línguas devem ser analisadas em si mesmas e sem referência a sua função social, à maneira como são adquiridas pelas crianças, aos mecanismos psicológicos que subjazem à produção e recepção da fala, à função literária ou estética ou comunicativa da língua, e assim por diante. Em contraste, a macrolinguística abrange todos esses aspectos da linguagem (WEEDWOOD, 2002, p. 12).

O dúvida nessa colocação da autora não está em localizar os estudos linguísticos a partir de polos antagônicos, *com função social* e *sem função social*, mas na forma como os define, ao explicar que a microlinguística se restringe aos “estudos que se preocupam com a ‘língua em si’: fonética e fonologia, sintaxe, morfologia semântica e lexicologia” (WEEDWOOD, 2002, p. 12); ao passo que a macrolinguística consiste em campos como a psicolinguística, sociolinguística, linguística antropológica, dialetologia etc.

Na verdade, a opção de procurar ou não a *função social* depende dos pressupostos epistemológicos do pesquisador ao selecionar a teoria utilizada para análise, se é uma teoria formal ou uma teoria funcional. Até mesmo uma teoria pragmática, que é apresentada por Weedwood (2002) como *com função social*, pode ser formal! Essa divisão ainda está muito embasada num modelo tradicional, que marca o início do estruturalismo, em que para ser ciência, a linguística deveria se dissociar de tudo que não fosse parte do sistema, da estrutura, do núcleo duro. Assim, o que seria mais “afastado” do centro ainda não seria um estudo muito científico. Entretanto, “(...) cada vez mais se confirma que este estudo é tão científico quanto o estudo do núcleo duro, e inclusive está havendo um intercâmbio muito grande nos dois sentidos: do centro para as margens e das margens para o centro”. (KOCH, 2005, p. 126). Se não houvesse esse intercâmbio – ou *continuum* –, dificilmente seria possível um estudo embasado na teoria funcionalista, como o das funções demarcadoras e expressiva dos fonemas, cuja motivação é puramente contextual:

O acento tônico das palavras, por exemplo, tem uma função demarcadora importante no português, como em “fábrica” (substantivo) e “fabrica” (verbo). A função expressiva de um traço fonológico indica o estado de espírito do falante, seus sentimentos ou sua atitude, como, por exemplo, a pronúncia enfática de uma palavra, com o alongamento da vogal (/liiiiiido/). (CUNHA, 2008, 158).

Também não haveria o estudo da gramaticalização de elementos lexicais, como a trajetória de substantivos e verbos para conjunções ou de nomes e de verbos para morfemas, como na verificação sincrônica da sentença “Penso, *logo* existo”, em que o elemento *logo* é uma *conjunção conclusiva*, mas, diacronicamente, no português arcaico tinha valor de *substantivo*.

Como se pode notar, essa mudança categorial de um item lexical está ligada ao histórico dos fatos linguísticos, tornando clara a forma como o uso da língua e a sua função variaram no tempo. Ratifica-se, então, a limitação imposta ao estudo da linguagem pela dicotomia sincronia *versus* diacronia, tal como proposta por Saussure (2006 [1916]).

Para completar, Linguística Teórica *versus* Linguística Aplicada é a terceira dicotomia proposta por Weedwood (2002). Para a autora,

O objetivo da linguística teórica é a construção de uma teoria geral da estrutura da língua ou de um arcabouço teórico geral para a descrição das línguas. O objetivo da linguística aplicada é, como diz o próprio nome, a aplicação das descobertas e técnicas do estudo científico da língua para fins práticos, especialmente a elaboração de métodos aperfeiçoados de ensino de língua (WEEDWOOD, 2002, p. 12-13).

Weedwood (2002) ainda ressalta que não se deve confundir a macrolinguística com linguística aplicada (doravante LA), pois “a aplicação de métodos e conceitos linguísticos ao ensino da língua pode muito bem envolver outras disciplinas de um modelo que a microlinguística desconhece. Mas existe, em princípio, um aspecto teórico em cada parte da macrolinguística, tanto quanto da microlinguística” (WEEDWOOD, 2002, p. 13).

Se não se pode confundir a LA com a macrolinguística, pois a LA pode ter aspectos teóricos tanto da micro, quanto da macrolinguística, a Linguística Teórica (doravante LT) seria o quê? Com a definição da autora, as teorias linguísticas possíveis são as formalistas, como o Estruturalismo e o Gerativismo. Nelas, são formuladas teorias gerais para a descrição de uma estrutura geral da língua – ou seja, o objeto teórico é a competência linguística, no Gerativismo, e a língua, no Estruturalismo, por exemplo. Entretanto, Weedwood (2002), apesar de discuti-las no decorrer de sua obra, não as menciona em sua definição. De qualquer maneira, pode-se chegar a essa conclusão, pois ao confrontar LT com LA, a autora está voltando-se para a gênese da LA, quando surge como a aplicação das descobertas da LT a questões de ordem prática, como aprendizagem segunda língua, aquisição e processamento da língua materna etc. É nesse sentido que se pode interpretar Rajagopalan (2006), ao afirmar que “a LA ter surgido historicamente à sombra da linguística teórica ainda pesa na hora de redefinir as prioridades (por mais que se negue que isso ocorra)” (RAJAGOPALAN, 2006, p. 149).

A história da LA começa na segunda guerra mundial, quando se utilizava no ensino/aprendizagem de línguas o resultado dos avanços da LT. Nesse contexto, a LA foi se consolidando como teoria de ensino de línguas a ponto de estabelecer tradições importantes na investigação do processo de ensino e aprendizagem de línguas naturais e estrangeiras. Entretanto, no decorrer do tempo, começou-se o questionamento sobre a natureza da LA, e alguns pesquisadores perceberam que se o embasamento teórico fosse somente em teorias linguísticas, não haveria resultados suficientes para dar conta do objeto em análise. Por isso, necessário se fez buscar em outras áreas respostas aos problemas encontrados e, conseqüentemente, os estudos da LA foram se modificando, a ponto de desenvolver características próprias. Por isso, a LA, hodiernamente, não se limita mais à aplicação de descobertas da LT ao ensino de línguas; pelo contrário, influenciada pelas teorias críticas, seu foco é recorrer a outros campos do saber, como a antropologia e a psicologia, a fim de procurar a solução de problemas, centrados no social, que envolvam linguagem.

É claro que, conforme Moita Lopes (2011) assegura, nenhuma área do conhecimento dá conta da teorização necessária para compreender os complexos processos envolvidos nas ações de ensinar/aprender línguas em sala de aula; mas, conforme Almeida Filho (2005) aponta, “a visão de LA após a metade dos anos 80 é muito mais abrangente do que o esforço sistemático de aplicação de teoria linguística principalmente à prática de ensino de línguas” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 14). Hoje, em pleno século XXI, os estudiosos de LA buscam concebê-la como ciência distinta da Linguística Geral, mesmo que partindo do mesmo fenômeno: o Linguístico. Nas palavras de Moita Lopes (2011):

O campo da LA começa enfocando a área de ensino/aprendizagem de línguas, na qual ainda hoje tem grande repercussão. Essa área se inicia, então, como resultado dos avanços da Linguística como ciência no século XX, constituindo-se como o estudo científico do ensino de línguas estrangeiras, notadamente com Charles Fries e Robert Lado nos Estados Unidos, e seu foco de interesse também passa, já nos anos 60 do mesmo século, a abarcar questões relativas à tradução (TUCKER, s/d). Não é de estranhar, portanto, que a Linguística, um dos grandes campos das Ciências Humanas, do início do século XX, no auge do Estruturalismo, cujos princípios e técnicas de análise influenciaram outros campos de investigação como a Antropologia, a Semiótica, a Literatura etc. (DE GEORGE e DE GEORGE, 1972, pp. 18-20) fosse também interessar àqueles que se debruçavam sobre a questão do ensino de línguas e da tradução. (MOITA LOPES, 2011, p. 12).

Segundo esses autores, um motivo de a LA ser considerada distinta da LT está no seu caráter interdisciplinar, pois a LA está “centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem um foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista” (MOITA LOPES, 1996, p. 23). Nesse contexto, Moita Lopes (2006)

encampa uma postura ideológica abraçada por muitos pesquisadores, ao definir a LA como Indisciplinar:

É uma LA que deseja, sobretudo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir. Como Ciência Social, conforme muitos formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos (MOITA LOPES, 2011, p. 19).

Na esteira desse pensamento, as definições que surgem do objeto da LA também são múltiplas. Como ilustração, trazemos a de Menezes et al. (2009), para quem “o objeto de investigação da (LA) é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem” (MENEZES et al., 2009, p. 25).

Apesar desse histórico comumente apresentado sobre a LA, não se deve esquecer de que a Linguística Geral também tem uma vertente interdisciplinar. Historicamente, ao assumir postulados teórico-metodológicos que envolvem o contexto, colocando-se como funcional, a Linguística também tornou-se interdisciplinar, pois deixa de observar o seu objeto por si só e passa a levar em conta aspectos sociais, psicológicos e culturais. Utilizando a exemplificação de Borges Neto (2004), “noções linguísticas como língua, dialeto etc. são claramente noções sociológicas, enquanto *fonema*, *sílaba* etc. são noções francamente psicológicas” (BORGES NETO, 2004, p. 19).

Para melhor entendimento dessa convergência entre campos que se dizem distintos, pode-se trazer à baila a elucidação de Borges Neto (2004) de que qualquer espécie do saber faz *reduções parciais* da diversidade, isto é, “recortam o campo da diversidade observacional de maneiras que lhes parecem apropriadas para o tipo de entidades e de explicações que lhes são preferenciais” (BORGES NETO, 2004, p. 34). Sendo assim, toda teoria faz um recorte da realidade e esse recorte nem sempre é bem definido. Por isso, há disciplinas científicas que disputam o mesmo recorte da realidade, como é o caso da LA e da Linguística de perspectiva funcional. Ambas requerem seu espaço para trabalhar com múltiplos contextos interacionais, desde contextos de ensino e aprendizagem a contextos institucionais, como mídias, delegacias, empresas etc. Entretanto, a LA tem defendido uma autonomia em relação à Linguística Geral, e, por isso, vem tentando se consolidar como uma nova ciência humana.

Independentemente desse conflito ideológico entre os pesquisadores das duas linhas, o importante a se extrair desse contexto de diversidade teórica é a compreensão de que não

existe uma Linguística, mas sim várias Linguísticas distintas, e, por isso, muitos estudiosos preferem o termo Estudos Linguísticos, a fim de englobar a todas.

Na esteira dessa diversidade conceitual dos Estudos Linguísticos, o pesquisador, para se enquadrar dentre um desses campos de estudo, deve observar quais são os seus paradigmas epistemológicos face ao seu objeto analítico. Ele também pode preferir ficar no limiar, pois, dependendo do assunto, a diferença torna-se melindrosa, afinal, “vivemos tempos de hibridismo teórico e metodológico nas ciências sociais e humanas, o que tem tornado as fronteiras disciplinares tênues e sutis” (MOITA LOPES, 2006, p. 99).

Para melhor compreensão sobre a diversidade teórica dos Estudos Linguísticos, traz-se à baila uma reflexão sobre o foco de interesse analítico em questão: a construção do humor a partir da categoria *gênero* em tiras de quadrinhos. Esse estudo é feito sob a ótica dos Estudos Críticos Discursivos, na perspectiva de Van Dijk (2012), que se encontra no limiar entre Linguística Funcional e Linguística Aplicada. Além disso, o próprio *corpus* constrói o seu sentido linguístico a partir de algo puramente social: o humor.

O humor e suas faces

Antes de qualquer coisa, para entender um gênero de cunho humorístico, como é o caso das HQs (Histórias em Quadrinhos), é fundamental compreender o que vem a ser o humor. Buscando amparo nos estudos etimológicos, a palavra *humor* possui sua origem na medicina grega de Hipócrates (séc. V a.C.), para definir os quatro líquidos ou *humores* que regulam a saúde física e mental do corpo humano: sangue, bílis negra, bílis amarela e fleuma. Esses humores, por sua vez, estão relacionados a quatro órgãos secretórios (coração, baço, fígado e cérebro) e, também, a elementos cósmicos (ar, terra, fogo e água). O predomínio de um desses *humores* seria o que determinaria o temperamento de cada indivíduo: sanguíneo, melancólico, colérico ou fleumático. É claro que essa acepção foi-se diluindo com o tempo, ao passo que, hodiernamente, o primeiro significado dado para o humor nos dicionários é de “Estado de espírito, bom ou mal; disposição; temperamento: *Ela às vezes está de bom/ mau humor*” (AULETE, acesso em junho, 2014).

Como já foi afirmado por filósofos, como Bergson (1987), o único ser capaz de perceber ou expressar o humor é o homem. Para ele, homem é o único animal que ri e que faz rir. Acrescenta, ainda, que o riso é insensível, pois o homem só ri de algo com que não esteja

emocionalmente envolvido; em contrapartida, não há riso quando há sentimento de solidão: o riso precisa de eco, é um fenômeno que acontece em grupo.

Salienta-se, dos postulados do autor, que o riso possui caráter cultural, explicado pelo fato de algumas piadas serem engraçadas em algumas culturas enquanto em outras não, pois é relativa aos costumes e ideias de sociedades particulares. Cita-se, como exemplo para essa afirmação do autor, as típicas piadas sobre os portugueses, tão comuns e tão engraçadas no Brasil, mas sem sentido/humor em Portugal.

É importante ressaltar que esse riso ao qual Bergson (1987) faz referência é o riso cômico, que inevitavelmente está atrelado ao humor. Afinal, uma pessoa pode considerar algo engraçado e inibir o riso por uma questão de adequação à moral do contexto social em que está, também pode sorrir para obter uma aparência melhor ou esconder algo, mas nenhuma pessoa ri espontaneamente de algo que não considere engraçado. De qualquer forma, o riso inegavelmente está ligado ao engraçado.

Na busca por explicar essas questões, vários estudos, no âmbito da Psicologia, da Sociologia e, atualmente, da Linguística, se ocupam de analisar os mecanismos geradores de comicidade.

No entanto, se houver limitação do estudo para apenas questões linguísticas, o motivo que faz o engraçado ser engraçado deixa de ser percebido (POSSENTI, 2000). Por isso, acredita-se na necessidade de um estudo interdisciplinar, que envolva tanto questões linguísticas, como questões socioculturais e psicológicas, uma vez que o humor surge de contextos interativos que envolvam discurso, cognições e linguagem.

O estudo dos quadrinhos na contemporaneidade

É consenso que, dentre os diversos textos de humor existentes, as histórias em quadrinhos (doravante HQs) possuem grande aceitação em todas as esferas da sociedade. Uma explicação plausível para tal afirmação está na composição sincréticas desses textos em que são mescladas estratégias verbais e não verbais para construir uma narrativa de cunho humorístico. A esse respeito, Hudnilson Urbano, no prefácio da obra *Faces do Humor*, de Ramos (2011), afirma:

[...] as tiras são a expressão máxima de um texto 'híbrido', não enquanto mescla de 'oral e escrito', como temos advogado em pesquisas particulares, mas enquanto mescla de 'verbal e visual'. O verbal das tiras é escrito com letras e outros sinais gráficos. O visual é icônico, iconográfico e plástico, com figuras desenhos, cores e formas (RAMOS, 2011, p. 8).

Acredita-se, então, que as HQs são importantes formadoras de opiniões, pois são textos que exercem forte influência nos leitores, devido a, além da sua característica multimodal, a informalidade presente na composição argumentativa da narrativa. Conforme Ramos (2011), remetendo à dissertação de Silveira (2003), explica, os quadrinhos são “além de um texto híbrido (mesclando verbal e visual), um tipo textual híbrido. Haveria predominância da sequência narrativa, mas haveria também outras sequências, em especial a conversacional-dialogal e a argumentativa” (RAMOS, 2011, p. 86).

Dentre as diferentes construções textuais em quadrinhos existentes, como caricatura, tiras em quadrinhos, cartuns e charges, dá-se, aqui, enfoque às tiras em quadrinhos. Nelas, uma história se passa no espaço de uma só tira, podendo apresentar sequências quotidianas, como nos jornais, ou em edições, como nas revistas. É mais comum encontrar tiras fechadas, ou seja, cada publicação uma história diferente, entretanto, de tira para tira, os personagens se mantêm, e um assunto pode ser desenvolvido por vários dias (LINS; GONÇALVES, 2012).

Os personagens dos quadrinhos geralmente apresentam um perfil comportamental, ratificado em cada veiculação da tira, o que faz com que o leitor já crie expectativas ao entrar em contato com aquele texto. A isso, pode-se relacionar a explicação de Goffman (1992) sobre o convívio em sociedade. Para ele, o indivíduo, quando em contato social, põe em ação um padrão de atos verbais e não verbais os quais deverá seguir para delinear o seu perfil comportamental, o seu papel social. Toda pessoa vive em um mundo de encontros sociais, que a põe em contato, seja este face a face, ou mediado, com outros participantes. Em cada um desses contatos, ela tende a pôr em ação o que é, às vezes, chamado uma linha – isto é, um padrão de atos verbais e não verbais, através dos quais expressa sua visão da situação e, através disso, sua avaliação dos participantes, especialmente de si mesmo (GOFFMAN, 1992 [1959]).

Tomando como pressuposto a perspectiva sociocognitivo-interacional, que defende o conhecimento como produto de relações intersubjetivas entre sujeitos sociais que constroem os seus saberes a partir de interações (MARCUSCHI, 2007), afirma-se que a forma como o indivíduo coloca seus conhecimentos para se posicionar mediante determinado assunto em determinada interação, é o reflexo de alguma de suas identidades. Na esteira desse pensamento, defende-se que nos quadrinhos o conhecimento também se concretiza enquanto produto de relações intersubjetivas entre os personagens, que constroem os seus saberes a partir de interações veiculadas em cada publicação.

Entende-se que a identidade dos personagens é construída em cada contexto interacional, portanto é susceptível a mudanças, podendo ser ambígua e até instável: “as

peças têm identidades fragmentadas, múltiplas e contraditórias” (MOITA LOPES, 2003, p. 20). Nega-se, então, a unicidade do sujeito em favor de um sujeito fragmentado, com múltiplas identidades. Sobre isso, Hall (2006) afirma que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos (HALL, 2006 [1996], p. 13).

Seguindo o postulado de que “o trinômio gênero, linguagem e identidade está intimamente atrelado a questões sociais, históricas e discursivas, e não pode, conseqüentemente, ser pensado ou teorizado de maneira isolada” (ALMEIDA, 2012, p. 90), acredita-se, conforme aponta Moita Lopes (2003), que as pessoas vivem em meio a mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas e tecnológicas que são experienciadas em diversos graus por diversas comunidades distintas e que, portanto, acarretam novos costumes, novos estilos de vida e novas formas de organização social. Nesse contexto,

Entre as mudanças que vivenciamos, é notável o novo papel das mulheres na sociedade contemporânea que afetou profundamente a organização da família como também o espaço reservado aos homens na vida pública e privada com profundos reflexos em sua própria construção identitária (MOITA LOPES, 2003, p. 15).

O gênero é dinâmico, portanto é constituído contextualmente, numa relação entre cognitivo, social e histórico. Logo, necessário se faz uma distinção clara entre gênero e sexualidade, em que as identidades não sejam categorizadas a partir de uma essência sexista. A fala, nesse contexto, é considerada uma forma de constituição do gênero. Entretanto, não se deve acreditar que exista uma relação entre gênero e fala categórica, que possa distinguir os gêneros pela forma de falar ou agir, como já fora defendido dentro da sociolinguística interacional por autores como Robin Lakoff (1973) e Deborah Tanen (1990). Quanto a isso, Deborah Cameron, esclarece que

as mulheres e os homens não vivem em planetas diferentes, mas são membros de culturas nas quais uma grande quantidade de discursos sobre gênero está sempre circulando. Além de aprender e então mecanicamente reproduzir formas de falar “adequadas” a seu próprio sexo, homens e mulheres aprendem um conjunto ainda mais amplo de significados generificados, os quais são atribuídos, de formas também bastante complexas, a formas diferenciadas de se falar, produzindo seu comportamento a luz desses mesmos significados (CAMERON, 2010 [1998], p. 145).

Categorizar o gênero a partir de uma estrutura pré-determinada é algo simplista, e até redutor, uma vez que vivemos em um momento em que as identidades estão em crise, pois não há mais referências estáveis, e sim um sujeito fluído, em constante mudança.

Nesse panorama, a forma de entender o sentido humorístico numa tira de quadrinho que envolva relação homem e mulher, por exemplo, também não deve ser embasada em questões sexistas. O humor deve ser entendido a partir de outros vieses, por isso ratifica-se a necessidade de uma leitura da construção do humor em quadrinhos a partir de uma perspectiva crítica. Assim, sugere-se a perspectiva teórica de Van Dijk (2012), cuja proposta analítica está baseada no triângulo estruturas sociais, estruturas discursivas e contexto sociocognitivo.

Os estudos críticos de discurso como modelo teórico

A teoria crítica, iniciada ainda nos anos de 1930, teve o seu florescimento a partir das ideias pensadores como Max Horkheimer, Theódor Adorno e Herbert Marcuse, que confrontam o pensamento ortodoxo do marxismo sobre o capitalismo para trazerem formas emancipatórias da pesquisa social, propondo novas formas de analisar a visão que os indivíduos têm de si mesmos e do mundo. Na proposta da linha de pensamento desses filósofos,

Uma teoria social crítica preocupa-se, particularmente, com as questões relacionadas ao poder e à justiça e com os modos pelos quais a economia, os assuntos que envolvem a raça, a classe e o gênero, as ideologias, os discursos, a educação, a religião e outras instituições sociais e dinâmicas culturais interagem para construir um sistema social” (KINCLELOE; MCLAREN, 2006, p. 283).

Entretanto, não é fácil traçar um perfil da pesquisa crítica, mesmo porque essa não é intenção de seus estudiosos. Na teoria crítica tenta-se evitar a especificidade em excesso, a produção de esquemas metodológicos e epistemológicos, para, assim, haver espaço para a discordância entre seus pesquisadores e a teoria estar sempre em evolução. Assim, o olhar do pesquisador frente a seu objeto analítico dita o andamento da pesquisa, “a busca pela compreensão é um aspecto fundamental da existência humana, pois o encontro com o não-familiar sempre exige a tentativa de fazer sentido, de compreender” (KINCLELOE; MCLAREN, 2006, p. 287).

Legatários da teoria crítica são os estudos crítico de discurso, que, como na tradição da ciência social crítica, visam “[...] oferecer suporte científico para a crítica situada em

problemas sociais relacionados ao poder como controle” (RAMALHO, 2011, p. 12). Esses estudos coadunam-se, nos estudos linguísticos, tanto com a linguística funcional, como com a LA, pois entendem a linguagem “como uma prática interconectada a várias outras da vida social” (MELO, 2012, p. 54).

A linguagem, então, é vista a partir da sua interação com o contexto, a partir de fatores externos à estrutura. Questiona-se o estudo imanente da língua, como proposto pelos formalistas, haja vista que os

formalistas identificam o social como uma dimensão dissociada da linguagem, sem considerar a intervenção dos elementos históricos, ideológicos e culturais na determinação dos textos, isto é, na organização interna do sistema linguístico. Nesse paradigma, o usuário da linguagem é incapaz de intervir na sua própria língua, ocupando o lugar de reprodutor e decodificador de mensagens [...] (MELO, 2012, p. 54).

Assim, ao levar em consideração questões históricas, socioculturais, cognitivas e ideológicas, na pesquisa linguística, os estudos linguísticos críticos possuem uma característica interdisciplinar marcante. Relacionado a isso, ao falar sobre o objeto teórico da dialetologia, Cardoso (2002) explica:

Estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a Dialectologia não pôde deixar passar de lado a consideração de fatores extralingüísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal (CARDOSO, 2002, p. 1).

Com a forte presença de questões contextuais no estudo da linguagem, questões como enunciação e discurso tomam um espaço importante nos estudos críticos de discurso. O estudo da linguagem por si só não é o foco, mas sim as relações de poder, institucionalização das identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas que podem ser criados, mantidos e reproduzido por meio da linguagem (MELO, 2012). Conforme van Dijk (2012) pontuou:

[...] interessa-nos investigar, por exemplo, de que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística, um tópico, um item lexical, uma metáfora, uma cor ou um ângulo de câmera, entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade (VAN DIJK, 2012, p. 09).

Justifica-se, então, a abordagem crítica, pelo pensamento de que, mesmo a sociedade sendo multiétnica, constituída historicamente a partir de uma imensa diversidade de culturas,

é preciso reconhecer os fatores constitutivos das identidades linguísticas, para se entender que elas não se caracterizam por uma estabilidade e uma rigidez naturais; pelo contrário, “as identidades culturais – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais – sofrem contínuos deslocamentos ou descontinuidades” (SOUZA E FLEURI, 2003, p. 55).

Com esse estudo, então, pode-se proporcionar meios para que as pessoas, de forma geral, reflitam sobre as suas identidades linguísticas – que são múltiplas – e as influências linguísticas que sofrem; contribuindo, assim, com sua formação como um ser humano reflexivo, formador de opinião e, assumindo uma postura mais ideológica, livre de estereótipos. Nesse sentido, afirma-se que

O trabalho intercultural, então, pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos (FLEURI, 2003, p.17).

Nesse sentido, o universo feminino das HQs torna-se uma fecunda área de trabalho, onde a construção do humor acontece principalmente por estereótipos culturais. Por isso, é importante um trabalho crítico para entender a construção do sentido enfocando quais os estereótipos⁵ utilizados para criar o humor nesse gênero. Levar em consideração o papel da mulher na sociedade contemporânea, principalmente os estereótipos criados ao seu respeito, é o primeiro passo, uma vez que “A mulher, ao longo dos tempos, tem sua identidade construída sempre em função do elemento masculino [...]” (GIL, 2012, p. 189).

Considerações Finais: definindo o elo

Para se entender o sentido construído em qualquer gênero textual é preciso a ativação de conhecimentos sociocognitivos do leitor, de modo a buscar a significação. Nesse sentido, Koch e Elias (2006) afirmam que “Para termos uma ideia de como ocorre o processamento textual, basta pensar que, na leitura de um texto, fazemos pequenos cortes que funcionam como entradas a partir das quais elaboramos hipóteses de interpretação” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 39).

No caso das HQs, para que se possa compreender o humor, a leitura verbal por si pode não gerar o humor, pois pode vir desvinculada de uma leitura contextualizada. Isso porque a

⁵ O estereótipo aqui é entendido como “social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução” (POSSENTI, 2010).

eficácia do texto de humor depende também do conhecimento de mundo, isto é, dos acontecimentos da política, da economia, dos esportes, das celebridades, da ciência etc. Nesse sentido, percebe-se que pressuposições sexistas ainda continuam embutidas no cognitivo social, e sistematicamente reproduzida nos discursos culturais, visivelmente percebidas em textos de humor.

Nesses textos – que acontecem no modo de conversação *non-bona-fide* (RASKIN, 1985), em que o risível é causado por uma mudança de *scripts*, de um esperado para um inesperado, real/ não real, plausível/ não plausível (RASKIN, 1985) – criam-se determinadas expectativas no leitor, ditadas por estereótipos, que são frustradas, gerando o risível. É necessário, portanto, averiguar quais os tipos de estereótipos envolvidos na construção do humor para assim entender os discursos que ainda são cristalizados na sociedade. Por isso, defende-se um estudo consciente com base no interpretativismo. Isso porque os estudiosos do discurso crítico não são neutros, mas se comprometem com um engajamento em favor dos grupos dominados na sociedade. Nas palavras de van Dijk (2012):

Enquanto muitas pesquisas sociais “neutras” podem ter uma posição social, política ou ideológica implícita (ou, de fato, negar que tomam essa posição, o que obviamente é também uma tomada de posição), estudiosos dos ECD⁶ reconhecem e refletem sobre seus próprios compromissos com a pesquisa e sobre sua posição na sociedade (VAN DIJK, 2012, p. 16).

Com isso, pode-se afirmar que a pesquisa qualitativa ora proposta procura não só descrever a realidade social, mas conscientizar criticamente o leitor. Conclui-se, desse modo, que um dos objetivos dessa modalidade de pesquisa é conscientizar, levando ao nível do explícito, o implícito.

Referências

AULETE, F. J. C. *Dicionário da Língua Portuguesa*. vs online: Lexikon. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br>. Acesso em Marco de 2014.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Maneiras de compreender Linguística Aplicada. In: *Revista Letras*, vol. 02. Santa Maria: Editora da UFSM, 1991.

BERGSON, H. *O riso*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BORGES NETO, J. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

⁶ Estudos Críticos de Discurso.

CARDOSO, S. A. M. A geolinguística no terceiro milênio: Monodimensional ou Pluridimensional? In: *Revista do GELNE*, v. 4, n. 1/2, 2002.

CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLEURI, R. M. Intercultura e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.23, pp. 16-35. 2003.

FIORIN, J. L. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, Suzana (Orgs.). *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003.

GIL, B. D. A mulher no léxico da canção do consumo: um discurso polarizado. In: MELO, Iran Ferreira de. (Org.). *Introdução as estudos críticos de discurso: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2012, p.189-2202.

GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santo Raposo. Petrópolis: Vozes,1992 [1959].

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 [1996].

KINCLELOE, J. L.; MCLAREN, P. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (orgs.). *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: ARTMED, 2006, p. 281- 312.

KOCH, I. In: XAVIER, A. C.; CORTEZ, S. (Orgs.). *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da Lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo. Contexto. 2006.

LINS, M. P. P.; GONÇALVES, L. S. *O humor como discurso de prevenção: o cartum sob a ótica da pragmática*. Vitória: PPGEL, 2012.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009

MOITA LOPES, L. P. Da Aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (Org.). *Linguística Aplicada: um caminho de diferentes acessos*. São Paulo Contexto, 2011, p.11-24.

_____. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

POSSENTI, Sírio. *Humores da língua*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

_____. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p.149-166.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RAMOS, P. *As Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. São Paulo: Zarabatana Books, 2011.

RASKIN, V. *Semantic Mechanisms of humor*. Reidel: Dordrecht, 1985.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Cheline et al. 2º. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1918].

SILVEIRA, V. R. H. *A palavra-imagem nos gestos de leitura: os quadrinhos em discussão*. São Paulo, 2003. 299f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontífice Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, M. I. P.; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias (org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 53-84.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e Poder*. In: HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karine (Org). São Paulo: Contexto, 2012.

VIARO, M. E. *História das palavras: etimologia*. Museu de Língua Portuguesa – Estação da Luz. 2009 Disponível em: http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_12.pdf, acesso em fevereiro/2014.

_____. Sobre a inclusão do elemento diacrônico na teoria morfológica: uma abordagem epistemológica. In: *Revista Estudos de Linguística Galega*. Vol 2. 2010, p. 173-190. Disponível em: http://ilg.usc.es/elg/volume/2/pescuda/Pescuda_Viaro_ELG02_2010.pdf, acesso em fevereiro/2014.

WEEDWOOD, B. *História Concisa da Linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.